

# ***O PROCESSO DE VULNERABILIZAÇÃO PROMOVIDA PELA CRISE PERMANENTE CAPITALISTA***

**Ana Paula Bittencourt Ferreira**

Graduanda em Ciências Sociais

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

CV lattes: <http://lattes.cnpq.br/0088545886031468>

E-mail: [anapaulabtferreira@gmail.com](mailto:anapaulabtferreira@gmail.com)

**Dossiê**

**Recebido em: 19 de Julho de 2021**

**Aceito em: 16 de Setembro de 2021**

## **RESUMO**

O proposto artigo expõe a influência da globalização, a partir da abordagem interseccional feminista que considere marcadores sociais como classe, raça e gênero no processo de vulnerabilização de populações que sistematicamente sofrem das disparidades sociais e econômicas: e como o sistema afeta sua sobrevivência. Igualmente, compreende-se que a partir da crise do coronavírus, que teve início em 2020, esses fatores agravaram somando-se as predisposições destas desigualdades. Todo esse conjunto de causas juntam-se da mesma forma com a crise econômica que vinha se agravando nos últimos anos, e a crise política que instaurou-se, respectivamente, no Brasil.

**Palavras-Chave:** Vulnerabilização. Desigualdades. Globalização. Interseccionalidade. Crise.

## ***THE VULNERABILITY PROCESS PROMOTED BY THE PERMANENT CAPITALIST CRISIS***

## **ABSTRACT**

The proposed article exposes the influence of globalization, from the intersectional feminist approach that considers social markers such as class, race and gender in the process of vulnerabilization of populations that systematically have been suffering from social and economic disparities: and how the system affects their survival. Likewise, it is understood that after the coronavirus crisis, which began in 2020, these factors worsened, adding to these inequalities as predispositions. All this set of causes are joined in the same way with an economic crisis that had been worsening in the last years, and a political crisis that was installed, respectively, in Brazil.

**Keywords:** Vulnerability. Inequalities. Globalization. Intersectional. Crisis.

## INTRODUÇÃO

A partir das conceituações de Santos (2020) compreende-se o processo de constante vulnerabilização das parcelas sociais a partir da ascensão da globalização por meio do capitalismo financeiro. Na obra “Por uma outra globalização” (2020) o autor expõe o processo do empobrecimento e marginalização da população não-cidadã e como esse processo atrela-se ao desenvolvimento econômico. O consumo, além de ferramenta hierárquica em relação ao poder aquisitivo, se torna central nas relações sendo hoje o grande fundamentalismo - o ser do mundo torna-se o dinheiro e não mais o homem. Por meio de uma abordagem interseccional, outros fenômenos podem ser identificados no Brasil, como a feminização da pobreza. Entretanto, Santos enfatiza o processo de crise permanente que o capitalismo propõe, mas com fases agudas, como por exemplo a pandemia do Covid-19, que está atrelada ao sistema da globalização e ocasionou a crise de saúde e sanitária levando a milhares de morte ao redor do globo, o quê por sua vez possui maiores impactos nas populações vulnerabilizadas.

Especialmente os direitos civis e sociais - que figuram a cidadania, são usurpados em decorrência da estrutura social desigual, conservada pelas elites econômicas do país a fim de garantir a permanência de status quo que produz privilégios. As violências estruturais e institucionais são um exemplo desses instrumentos utilizados para conservação das relações do poder, essa ocorrência é esclarecida também por meio da conceituação da cidadania entrincheirada: quando há maior participação popular nos espaços públicos, no ambiente político e no poder aquisitivo surge o sentimento coletivo de “perda de privilégios” das elites por estarem dividindo o que antes era exclusivo. No entanto, se restabelecem outras formas de retroceder tais medidas, revitalizando dispositivos de violências impedindo a ascensão social e a cidadania para essas populações.

O sistema patriarcal é outro agente potencializador das estruturas desiguais baseadas em hierarquias imaginárias, reforçando o machismo e as opressões sobre mulheres e corpos feminizados. Gago (2020) propõe com base na metodologia da interseccionalidade feminista interligar as diversas tiranias impostas juntamente com o avanço das políticas neoliberais. Conecta-se, por exemplo, às diferenças salariais, o trabalho doméstico invisibilizado, exploração financeira, endividamento público e privado, e a criminalização da economia de subsistência - que compõe-se

majoritariamente por mulheres, ao avanço do capitalismo financeiro. Para além da crise permanente do capitalismo tem-se o estado de guerra permanente contra as mulheres que orienta-se pela desvalorização da vida e do trabalho provocado pela globalização (Gago, 2020, p. 75).

## **DESENVOLVIMENTO**

Na sociedade brasileira historicamente grupos sociais têm sido segregados e tendo seus direitos violados para manter equilíbrio na estrutura capitalista. Essa disposição é verificada nos índices estatísticos, como nas disparidades salariais, o IBGE (2018) constatou que pessoas ocupadas brancas recebem aproximadamente 73,9% a mais que pessoas pretas ou pardas. A situação agrava-se ao comparar com mulheres pretas ou pardas que recebem menos da metade salarial que homens brancos. Nos índices de saneamento básico 44,5% da população preta ou parda residia em um ambiente sem ao menos um indicador de saneamento básico – coleta de lixo, abastecimento de água por rede e esgotamento sanitário, enquanto entre a população branca o índice era de 27,9%. No Atlas de violência de 2020 - que apresenta dados de 2008-2018, mostra-se que homens e mulheres negros possuem respectivamente 74% e 64,4% mais chances de serem assassinados do que homens e mulheres brancos.

Portanto, em meio a uma crise sanitária o impacto maior focaliza-se nesses grupos que sistematicamente lidam com a violência, insegurança, falta de acesso a serviços de saúde, saneamento básico, alimentação diária e entre outros fatores. No início do ano de 2020 registrou-se no Brasil os primeiros casos do vírus do Covid-19 e desde então a pandemia vem assolando a população brasileira pela fatalidade e sequelas que a doença deixa na saúde, mas também pelo impacto social e econômico. No mês de junho de 2021 o país alcançou mais de 500 mil mortes, e infelizmente, em soma a gravidade do vírus a política negacionista do governo federal compactua com o alongamento e das fatalidades da pandemia no país. Soma-se a crise sanitária e econômica uma crise política a qual o governo federal é investigado por meio de uma CPI, especialmente pela recusa de compra de vacinas e pelo incentivando o uso de medicações para combater o vírus sem indício científico que comprove sua eficácia, e que dificulta ainda mais o enfrentamento da pandemia e amplia os desafios da ciência no país.

Em resultado a todo esse conjunto de medidas e pela estrutura social no país nota-se que apesar do vírus não apresentar seletividade contagiosa, os impactos da infecção serão sentidos de maneiras diferentes a depender da raça, classe e gênero (ESTRELA et al. 2020, pg. 3). Inicialmente o vírus se disseminou majoritariamente entre e pela classe economicamente mais rica por meio de viagens internacionais, porém atualmente a classe mais atingida é a economicamente desfavorecida, constatando-se que: “Na periferia, os relatos foram de empregadas domésticas, motoristas de aplicativo, entregadores de alimentos que, em contato com aqueles que viajaram, se infectaram e levavam o vírus para suas casas.” (ESTRELA et al. 2020, pg. 4). Gago (2020) exemplifica que a interseccionalidade se converte em um meio de compreender as opressões de sexo, raça e classe não somente como variáveis, mas justamente na perspectiva de sua mútua afetação, entretanto, em meio a pandemia as estruturas que historicamente pulsionavam as parcelas minoritárias à vulnerabilização ampliam-se.

Ocasionada pela crise econômica que instaurou-se consecutivamente nos últimos anos e em soma a pandemia, uma expressiva quantidade de pessoas perderam seus empregos e as que trabalhavam na informalidade viram-se sem sustento, sendo o auxílio emergencial imprescindível para a sobrevivência de milhares de famílias. Em detrimento das políticas globalizadoras, a fome deixa de ser um fato isolado mas uma medida necessária em prol da competitividade onde “tudo vale tudo” da mesma forma que o desemprego torna-se crônico.

Da mesma forma, outro fator preocupante condiz com os dados trazidos pelo Inquérito de Insegurança Alimentar (2020), em 2003 contabilizou-se que 9,5% da população brasileira sofria de insegurança alimentar grave, com a implementação de políticas que avançavam na promoção de equidade social esse índice chega 4,2% - sendo o menor índice, em 2013, infelizmente, em 2020 chega novamente na taxa de 9% demonstrando o retrocesso que o país enfrenta. Com o atual contexto de famílias sem rendimentos e com alta nos preços de alimentos, as refeições diárias estão sendo prejudicadas, o que igualmente indica a volta do país ao mapa da fome. Para as populações moradoras de rua a situação intensifica-se ainda mais, o distanciamento e as recomendações de higiene são impossíveis, sendo menos importante durante a fome e o frio é saber de onde veio aquela comida desperdiçada no lixo ou aquela roupa doada (ESTRELA et al. 2020, p. 5).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A crise do Coronavírus é resultado de diversos fatores enraizados nas relações da sociedade brasileira atual, principalmente pela influência do mundo globalizado que busca o encurtamento das distâncias ao mesmo tempo que almeja a internacionalização do mundo capitalista, na busca da homogeneização das relações entre os atores. Segundo Santos (2020) a ideologia capitalista promove um processo de crise permanente e estrutural, sendo notado que continuamente a tirania do dinheiro promove o desemprego permanente, o aumento das pobreza, baixo salário, a fome, o desabrigo e novas enfermidades. Nas crises mais agudas do capitalismo organiza-se a ideia de que ela é igual para todos e que as medidas para superá-la devem ser aceitas, porém, quem propriamente deve aceitar e conviver com as medidas de arrocho e desamparo são as classes baixas enquanto as classes altas continuam intactas.

Contudo, a política adotada no momento é reacionária, priorizando as elites econômicas a continuarem com privilégios e ampliarem seus meios lucrativos, a consequência dessas medidas são sentidas excepcionalmente pela classe trabalhadora e as populações vulnerabilizadas. Estes que acabam por arriscar suas vidas em meio aos sucateamentos dos serviços públicos e desemprego, tendo em vista que estão lidando com congelamento de salários de servidores públicos - inclusive os que estão trabalhando na ponta durante a crise, políticas flexibilizantes durante o período mais agravante da pandemia, atraso na imunização da população e superlotação nos hospitais.

Para a maior parte da humanidade a globalização está se impondo como uma fábrica de perversidades. O desemprego torna-se crônico. A pobreza aumenta e as classes médias perdem em qualidade de vida. O salário médio tende a baixar. A fome e o desabrigo se generalizam em todos os continentes. Novas enfermidades como a SIDA se instalam e velhas doenças, supostamente extirpadas, fazem seu retorno triunfal. A mortalidade infantil permanece, a despeito dos progressos médicos e da informação. A educação de qualidade é cada vez mais inacessível. Alastram-se e aprofundam-se males espirituais e morais, como os egoísmos, os cinismos, a corrupção (SANTOS, 2020, pg.20).

## REFERÊNCIAS

CERQUEIRA, Daniel et al. **ATLAS DE VIOLÊNCIA 2020**. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2020. Disponível em:

<https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/24/atlas-da-violencia-2020> Acesso em: 24 de mar. 2021

ESTRELA, Fernanda et al. **PANDEMIA DA COVID-19: Refletindo as vulnerabilidades a luz do gênero, raça e classe.** Rio de Janeiro: Ciências e saúde coletiva, vol. 25 n° 9. 2020 pg. 3431-3436.

GAGO, Verónica. **A POTÊNCIA FEMINISTA, OU O DESEJO DE TRANSFORMAR TUDO.** São Paulo: Elefante, 2020.

Pretos e pardos estão mais escolarizados, mas desigualdade em relação aos brancos permanece. **Agência IBGE Notícias**, publicado em 13 de nov. de 2019. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/25989-pretos-ou-pardos-estao-mais-escolarizados-mas-desigualdade-em-relacao-aos-brancos-permanece>. Acesso em: 24 de mar. 2021.

REDE PENSSAN - REDE BRASILEIRA DE PESQUISA EM SOBERANIA E SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRIÇÃO. **Inquérito nacional sobre insegurança alimentar no contexto da pandemia da Covid-19 no Brasil.** 2021.

SANTOS, Milton. **POR UMA OUTRA GLOBALIZAÇÃO.** 31ª ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2020

## COMO CITAR

FERREIRA, A. P. B. O PROCESSO DE VULNERABILIZAÇÃO PROMOVIDA PELA CRISE PERMANENTE CAPITALISTA. **Revista Interdisciplinar Encontro das Ciências – RIEC**, v.5, n.1, p. 86-91, 2022.